

**“RECANTO MÁGICO DE UMA EXISTÊNCIA”:
O GRAFITE DE MUROS EM SÃO GONÇALO**

Martha Carvalho Nogueira*

ARAÚJO, Marcelo da Silva. **Vitrines de Concreto na Cidade: Juventudes e grafites de muros**, Divinópolis: Artigo A, 2019. 322 p.

As primeiras coisas que chamam atenção no livro *Vitrines de Concreto na Cidade: Juventudes e grafites de muros*, publicado em sua primeira edição no ano passado, são os aspectos do espaço e do tempo da pesquisa que deu origem à publicação. O “campo”, ruas do município de São Gonçalo, localizado na região metropolitana do Rio de Janeiro, foi certamente uma feliz escolha feita pelo autor, tendo em vista o caráter periférico e de abandono pelas políticas urbanas e o esforço de ressignificação dos rótulos atribuídos ao lugar pelo movimento da arte de rua.

Quanto ao tempo, destaca-se o inusitado de uma publicação que dá a conhecer a visão de grafiteiros, de seus contratantes e observadores, sobre um movimento cultural que se iniciou, segundo nos informa o autor, ainda no final dos anos 1990 e que nos é apresentado por meio de entrevistas realizadas no ano de 2002, quase duas décadas depois. O lapso temporal, embora cause estranhamento no início, acaba provocando interessantes reflexões ao longo da leitura, na medida em que começamos a pensar sobre como e onde estariam hoje aqueles jovens do início dos anos 2000; o que diriam sobre o espaço cada vez maior conquistado pelo grafite nas cidades brasileiras, entre outras reflexões que buscarei levantar aqui nessa resenha.

De um modo geral, a leitura desperta interesse pela densidade das descrições e análises, não só das falas dos artistas, mas das próprias obras dos grafiteiros. Explorando sua ampla bagagem de estudos nas áreas da antropologia e das artes visuais, Araújo demonstra grande sensibilidade no olhar para formas, traços e cores, ao mesmo tempo em que aborda com profundidade os signos e significados de uma cultura urbana dinâmica e multifacetada, que

* Doutora em Ciências Sociais pelo PPCIS-UERJ e professora do Colégio Pedro II. E-mail: marthacnogueira@hotmail.com.
Revista *Perspectiva Sociológica*, n.º 26, 2º sem. 2020, p. 148-153.

permeia o universo dos grafiteiros e colore o espaço urbano deixando a marca de uma juventude inquieta, provocadora e criativa.

No primeiro capítulo, uma ampla contextualização teórica dá conta de mapear estudos sobre as relações entre urbanidade e visualidade. O ambiente urbano é pensado como suporte para múltiplos discursos e disputas de significado, evidenciando-se o caráter dialógico e multicultural das cidades contemporâneas, que se redesenham mediante a prevalência de uma cultura visual cada vez mais presente, dos muros aos *outdoors*, passando por publicidades gigantescas aplicadas nas superfícies de ônibus, trens etc. Nesse sentido, destacam-se as referências à cidade como “realidade sígnica” e como “videoclip”, que resulta da conjunção de elementos visuais que ligam o local ao global permitindo múltiplas leituras, significações e apropriações. Destaca-se também a busca do antropólogo por decifrar atitudes, práticas e estilos de vida associados a esse movimento complexo que caracteriza a cultura do *hip hop*, no qual se insere o grafite como expressão visual.

Protagonizado por jovens habitantes de favelas e periferias urbanas, o movimento *hip hop* revela o contexto de onde partem os discursos dos grafiteiros que, embora, assim como a própria categoria “jovem”, não possam ser classificados de maneira homogênea, fazem referência a uma identificação de grupo. Por seu caráter periférico, esse grupo busca formas de se expressar em uma realidade que os afasta dos meios formais instituídos para a comunicação, arte e cultura, e usa a rua como vitrine para uma expressão de si, de seus desejos e inquietações.

No capítulo II, Marcelo aprofunda a contextualização desse universo do *hip hop*, que pauta seus discursos públicos em ideais democráticos de irmanação e cooperação. Apresenta a visão de seus interlocutores sobre o movimento como uma “escola da rua”, onde se aprendem não somente técnicas mas também valores por meio de trocas informais que socializam e contribuem para a formação de identidades. Nos bairros de São Gonçalo onde se realizou a pesquisa, assim como na maioria das periferias urbanas, os equipamentos de cultura, educação e lazer são bastante deficitários, quando não absolutamente ausentes, o que se procura compensar por meio das intervenções da arte urbana que embelezam ao mesmo tempo que educam, combatendo a monocromia cinza dos espaços planejados a partir de uma racionalidade que não é percebida por todos.

Nesse capítulo, merece destaque a análise da fala de uma diretora de escola estadual com manifesto interesse pela arte do grafite e sua relação com um desejo de expressão de jovens

estudantes. O uso das paredes, cadeiras e carteiras como suportes para pichações e desenhos é apontado por ela, não como resultado de um despreço pelo equipamento público ou como ato de vandalismo, e sim como reflexo da carência de veículos de expressão livre, diante da qual a arte do grafite vem ocupar um lugar de suma importância, devendo, portanto, ter as portas da escola abertas a suas manifestações. Os debates em torno das divergências e aproximações entre grafite e pichação também têm lugar nesse capítulo, que contribui para a desmitificação de certos discursos, como aquele que vê a pichação como um estágio anterior ao grafite.

No terceiro capítulo o leitor é apresentado ao conjunto dos entrevistados: 17 jovens grafiteiros (todos homens com idades entre 17 e 25 anos à época), 4 contratantes de grafite (a diretora de escola, dois comerciantes e um administrador) e 7 “passantes”, homens e mulheres de idades variadas, que também deram depoimentos com suas impressões sobre a presença do grafite nos muros da cidade.

As falas dos grafiteiros sobre suas relações com a arte e o universo do grafite destacam o aspecto de aprendizado informal que acontece na rua, espaço do qual se apropriam por meio de uma ocupação simbólica. É preciso “meter a cara” e aprender vendo outros grafiteiros até que se desenvolva um estilo próprio, que com o tempo conforma uma identidade associada a pseudônimos adotados pelos grafiteiros, muitas vezes por autoatribuição.

Quanto aos pseudônimos, Marcelo nos apresenta uma lista com o histórico de cada um deles, evidenciando a presença de referências cruzadas que envolvem desde personagens da *Disney* até narrativas mitológicas e revelando o caráter de miscelânea que marca a cultura de massa, suas apropriações e ressignificações. A importância do pseudônimo e do estilo do grafiteiro, que acabam por lhe conferir uma marca, são elementos centrais nas análises do livro, que explora as diversas significações atribuídas à prática da grafiteagem. Ela pode ter caráter de entretenimento e diversão; pode atender a um interesse comercial; pode veicular mensagens de crítica social ou até religiosas, mas há um forte sentido autopromoção que envolve a afirmação de uma identidade que espera reconhecimento e notoriedade entre pares, além da conquista de um espaço ao qual reivindicam ter direito, enquanto cidadãos. Poder se expressar livremente e ser reconhecido e também contar com o “dom” da arte do grafite para obter alguma renda com trabalhos pagos são dois lados de um mesmo discurso, que aponta para a busca de inclusão e de afirmação do jovem periférico, carente de trabalho e oportunidades, tanto quanto de meios de expressão e comunicação.

No capítulo IV há uma discussão sobre o uso de aerógrafo e do *spray* pelos grafiteiros, evidenciando-se uma narrativa a respeito do “verdadeiro grafite”, que deve ser feito com o spray, apesar do custo mais elevado. Muito além da questão da técnica, vai a discussão a respeito do próprio sentido da arte. A questão é apresentada por meio da referência a diversos autores como um debate “em aberto”, e destaca-se a visão dos próprios grafiteiros com suas definições que passam tanto pela oposição entre arte e produto industrial (“É o natural. É a pessoa ter aquilo e vir das próprias mãos dela”) quanto pela ideia de um reconhecimento de grupo, que baliza e chancela a produção artística nas ruas.

A relação entre estilo, identidade, reconhecimento e autopromoção é muito bem discutida e analisada no livro, que nos apresenta as classificações nativas de “estilo livre”, “selvagem”, “3D” e “vômito”, explorando seus significados e familiarizando o leitor com o universo simbólico que permeia a relação entre as formas da arte e o próprio espaço da cidade. Aqui se nota tanto a recorrência das análises que contrapõem a forma planejada e racionalizada das construções urbanas ao colorido multiforme, livre e muitas vezes transgressor do grafite, quanto a interpenetração das formas da cidade na arte urbana e vice-versa.

Como desdobramento de uma autoafirmação que fortalece a autoestima e confere legitimidade para uma prática aceita e valorizada por aqueles que desejam a melhoria do aspecto geral da cidade (com menos sujeira e pichação nos muros), emerge um discurso dos grafiteiros em defesa de sua arte como uma intervenção necessária à cidade, que se quer menos monótona e cinzenta.

Nos capítulos V e VI concentra-se a parte mais analítica do livro, com descrições e interpretações de imagens fotografadas e apresentadas ao final. São grafites que o autor registrou com sua própria câmera fotográfica em 45 fotos (retiradas de um total de 215) e desmembrou em quadros que são minuciosamente explorados em suas cores, formas, funções e significados. Marcelo lança mão de diferentes níveis de abordagem – formal, funcional, histórica e simbólica -, explorando também as funções da linguagem aplicadas ao grafite em suas ênfases dadas ao emissor, ao receptor ou à própria mensagem.

Na análise das imagens, destaca-se uma observação feita de passagem pelo autor, a respeito do universo sexista do grafite. A recorrência da figura humana retratada em personagens que representam homens negros é apontada como uma marca contraditória de um movimento que reivindica igualdade no direito à cidade e acaba por promover exclusões e

discriminações internamente, sem que isso seja discutido em reflexões mais aprofundadas. Marcelo nos leva a perceber que a aclamada “atitude” dos integrantes da cena do *hip hop* dá a entender que “a rua é dos homens”, embora naquele momento não tenha aparecido, nas entrevistas realizadas, nenhum tipo de contestação a esse fato, aparentemente naturalizado entre os “nativos”.

Tal observação, somada ao caráter homogêneo dos interlocutores da pesquisa quanto ao gênero (todos homens, sem classificação quanto à cor), se pensada a partir de uma perspectiva mais contemporânea, pode ser acompanhada de uma atualização à luz de debates que, sobretudo na última década, deixaram de ser acadêmicos e ganharam espaço em discursos e práticas coletivas em diferentes meios sociais: o “empoderamento feminino”, o “lugar de fala” das mulheres negras, a interseccionalidade. Certamente um olhar para o grafite de muros em 2020 nos colocaria diretamente de frente com essas questões, e em contato com algumas mulheres grafiteiras que já conquistaram seu espaço nesse meio.

Além da análise das figuras humanas (personagens e “bonecos” retratados nos grafites), referências visuais dos anos 1980, a relação com os universos simbólicos da *reggae music* e do *hip hop*, suas vestimentas, comportamentos e ideias políticas são bastante exploradas e analisadas, de modo que se torna fácil e agradável para o leitor o exercício de imaginar e até de visualizar, por meio das fotografias organizadas ao final do livro, a expressão do “cardápio globalizado de temas e narrativas” a que se refere o autor. O “extenso manancial sígnico” que compõe a cultura visual das cidades perpassa todo o livro, que aborda, como pano de fundo, os aspectos do consumo e da comunicação visual como elementos constitutivos da vida urbana contemporânea.

No capítulo final tem lugar a análise das funções fática, metalinguística e poética dos grafites. Os muros como suportes preferenciais dessa arte urbana, as incidências de luz e a interferência das texturas; o caráter efêmero e contextual; a autorreferência nas imagens que abordam a própria realidade do grafiteiro e arte de grafitar, além dos sentidos de crítica e utopia contidos nas imagens analisadas são profundamente discutidos. Em sua conclusão, o livro amarra as discussões sobre arte, juventude, identidade e espaço urbano por meio de uma narrativa que envolve sensibilidade artística, respeito e reverência aos saberes informais, convidando o leitor a passear pelas ruas de São Gonçalo para descobrir o efeito dessa conquista do espaço e da liberdade de expressão do jovem artista que deseja colorir e reinventar a cidade.

A escrita de Marcelo é permeada de muitas metáforas criativas e instigantes, o que torna a leitura envolvente e fluida. Leitura especialmente indicada para aqueles que desejam conhecer a arte do grafite de muros em um período ainda inicial de sua afirmação e disseminação, por meio de uma narrativa que se abre para diversas possibilidades de análises e nos leva a pensar em perspectiva o avanço das práticas e saberes relativos à arte urbana, que certamente já avançou bastante na conquista de seu espaço, não só nas ruas das periferias urbanas, com novas questões a serem aprofundadas à luz da realidade contemporânea.

As “vitrines de concreto” - aquelas que expõem e revelam símbolos, identidades e visões de mundo, espelham os estilos de vida e as formas de sociabilidade do ambiente urbano, colorindo os discursos sobre o que é a cidade e sobre quem são os cidadãos pertencentes a esse espaço. A mensagem que fica para o leitor traz em primeiro plano a ideia de polissemia, que perpassa a cidade, a juventude e a própria arte, com suas funções sobrepostas. Mais do que isso, fica a ideia, sem dúvida inspiradora, de que o “clamor pelo direito à cidade”, que emerge nos movimentos das periferias urbanas como fruto da inquietude de uma juventude multifacetada, pode fazer aparecer, em nossas cidades, recantos mágicos para múltiplas existências.